

14-08-2019

**ONDE ANDA ERI?****Notas sobre os deslocados do mundo****Eguimar Felício Chaveiro**[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente  
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Na pré-adolescência, no começo da década de 1970, em Trindade-Go, como quase todos os adolescentes masculinos daquela geração, eu tinha um sonho: ser jogador de futebol. O sonho, como esfera mirabolante, amiga da imaginação, me levava de Trindade ao Rio de Janeiro: o Maracanã estava lotado; a torcida embevecida ria, pulava, cantava, chorava. Eu havia feito o gol decisivo. Contudo, a realidade seca e rente da minha vida era outra: vínhamos de uma falência; o meu pai lutava contra o alcoolismo. Com apenas o primário realizado, o pai vivia biscateando trabalhos informais, fazendo uma coisa ou outra possível; a minha mãe vendia doces; eu e o meu irmão vendíamos banana e pequi nas ruas. Era uma vida difícil, mas o sonho de ser jogador de futebol dava chutes na rua. Foi nas peladas de rua, nos tempos dos memoráveis jogos que vazam as noites, que conheci Eri. Ele era tímido, ressabiado, taciturno e concentrado nos jogos. Certamente que pelo critério da timidez, de classe social e também de origens, fizemos uma grande amizade. A tabela do campo logrou a comunhão na vida. Logo fui saber: ele morava na casa do fazendeiro do qual o seu pai era agregado. A sua mudança - da casa do pai da fazenda para a casa do patrão - era para, mesmo pré-adolescente, cuidar dos filhos do fazendeiro, lavar a sua casa e limpar o seu quintal sem nenhuma remuneração. Um dia Eri voltou para a casa dos pais para acompanhá-los, pois o fazendeiro os havia despejado da fazenda. Nunca mais o vi. Ficou a memória da amizade; ficou a interrogação: onde anda Eri? Mais tarde me tornei professor de Demografia. Há quase 30 anos que consta no meu programa de disciplina a interrogação da existência de milhares de deslocados: onde anda Eri? Disseram-me que é possível ver o Eri na favela da Rocinha-RJ; em Ceilândia-DF; Paraisópolis-SP; em Jurunas, em Belém do Pará; e nos confins infinitos da periferia de Aparecida de Goiânia-Go. Me disseram também que o Eri tornou-se senegalês e está vendendo óculos na praia de Copacabana-RJ; é boliviano no trabalho escravo na indústria têxtil de São Paulo; é haitiano pedindo esmola em Macapá-AP; é venezuelano em acampamentos em Manaus-AM. O Eri é refugiado de guerras e enfrenta barreiras naturais, distâncias, perigos, os mais diversos.

É chamado pela senha xenófoba de “ladroão de lugar”, pois, no desespero causado pelas crises econômicas e pelo desemprego estrutural do atual sistema, abandonou a família e atravessou o Atlântico em direção aos países ricos vivendo com medo da polícia e sem se comunicar face à diferença do idioma. O Eri é violentado no quesito dos direitos humanos; desenvolve quatro jornadas de trabalho em Londres, todas precárias para, em função da diferença da libra esterlina com o real, poder enviar, mês a mês, um pouco de dinheiro para a sua mãe tratar o câncer causado por agrotóxico, expediente que enriquece os latifundiários modernos do Brasil, líderes atrasados da banca ruralista, essa que há 20 anos não paga as dívidas contraídas do Estado. O Eri é um sonhador avesso: antes sonhava mudar para um país capitalista rico e sanear os seus problemas primários, como comer, morar, estudar, ter autonomia financeira; hoje sonha regressar, embora, sem condições de financiar o retorno, é obrigado a esconder o fracasso.

O Eri é um emigrante brasileiro. É também um imigrante peruano, congolês, boliviano. O Eri foi para a Europa tentar a vida daquele país que enriqueceu colonizando o seu país. Ele é, por isso, um registro do aumento da xenofobia no mundo; das condições precárias de vida; do crescente número do tráfico de pessoas. O Eri faz parte de uma estatística: mais de 195 milhões de pessoas moram fora de seus países de origem. Expropriados dos seus lugares, os imigrantes enfrentam uma estrutura: neste sistema o capital possui liberdade de circulação, não se detém nas fronteiras dos seus países, mas o trabalho é aprisionado. O capital possui livre circulação, o trabalho possui muros.

O Eri viu o século XX proclamar a sede de liberdade pelo socialismo, pelo avanço científico, pela conquista espacial, pela incrementação dos direitos humanos. Contudo, foi arrebatado pela profunda monopolização de capitais, terras, mercadorias; por crimes hediondos impostos por ditaduras militares; por campos de concentração como Auschwitz, Gulag; pela erosão genética e contaminação das águas; pela violência social e urbana; pela pobreza e seus circuitos: a falta de assistência de saúde, a escolarização precária, o medo de viver. O Eri vive no cárcere do deslocamento.

Embora possua olhar triste e faminto por entregar sua vida à mira preconceituosa daquele que oprime ou rende-se à opressão e a uma estrutura social injusta, Eri é a razão de que o grito de liberdade não pode calar.

O Eri é uma lição: o mundo não pode ter dono e só derrubando a pátria para todos sermos irmãos. ■■■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*